

Ecossistemas emergentes do/no cerrado brasileiro: Notas sobre Colonização Cultural e pensamento folkcomunicação em Mato Grosso, Brasil

Universidade do Estado de Mato Grosso
(Unemat)

Lawrenberg Advíncula da Silva
lawrenberg@gmail.com

Resumen

El énfasis en este texto hace hincapié en los efectos de la modernización socio-económica en el imaginario cultural de Mato Grosso, y la constitución de un pensamiento científico en un pequeño campus en el interior de Mato Grosso, Brasil Central: mientras que la virtualidad singularizadora de la investigación en comunicación popular en el interior de Brasil. Por lo tanto, se decidió, con mayor énfasis, por un diálogo con los autores fundamentales de las ciencias humanas en Brasil, entre los cuales, reflexionar sobre la idea de la colonización y cultura popular en su dialéctica con el pasado y esto, así como en sus interfaces con otras áreas de conocimiento. Se trata de un estudio parcial y desarrollado en el curso de Periodismo de Alto Araguaia, cuyos resultados han indicado la presencia emergente de profesores y estudiantes del campus universitario de conferencias en Brasil y en toda América Latina.

Palabras clave:

Comunicación popular; la colonización; pensamiento folkcomunicação; Mato Grosso; Alto Araguaia.

Abstracts

The emphasis in this text emphasizes the effects of socio-economic modernization in the cultural imagination of Mato Grosso, and the constitution of a scientific thinking on a small campus in the interior of Mato Grosso, Central Brazil: while customizing virtuality of research in folk communication within the inner of Brazil. Therefore, it was decided, most emphatically, by a dialogue with fundamental authors of Human Sciences in Brazil, among which, ponder the colonization idea and popular culture in their dialectics with the past and this, as well as in their interfaces with other areas of knowledge. This is a partial study and developed in Journalism course of Alto Araguaia, whose results have denoted the emerging presence of teachers and students of the university campus in conferences in Brazil and throughout Latin America.

Keywords:

folk communication; Colonization; folkcomunicação thought; Mato Grosso; Alto Araguaia.

Resumo

A ênfase dada neste texto sublinha os efeitos da modernização socioeconômica no imaginário cultural do matogrossense, e na constituição de um pensamento científico num pequeno campus universitário do

interior de Mato Grosso, Centro-Oeste brasileiro: enquanto virtualidade singularizadora da pesquisa em Folkcomunicação no interior do interior do Brasil. Para tanto, optou-se, mais enfaticamente, por um diálogo com autores basilares das Ciências Humanas no Brasil, dentre as quais, ponderam sobre a ideia de colonização e cultura popular, em suas dialéticas com o passado e presente, bem com em suas interfaces com outras áreas do saber. Trata-se de um estudo parcial e desenvolvido no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, cujos resultados tem denotado a presença emergente de professores e estudantes do campus universitário em congressos no Brasil e diversos países da América Latina.

Palavras-chave:

Folkcomunicação; Colonização; pensamento folkcomunicacional; Mato Grosso; Alto Araguaia.

Introdução

A escrita deste texto constitui um esforço prodigioso em relacionar a crítica à formação sociocultural mato-grossense com os estudos de Comunicação, na perspectiva da Ciência da Cultura e em sua conjunção com outras áreas de saberes; de modo a evidenciar, demarcar e estabelecer um justo parecer da experiência em Folkcomunicação num campus universitário do interior de Mato Grosso (Centro-Oeste brasileiro), enquanto um pensamento científico ainda emergente, e, ao mesmo tempo, enquanto produto cultural da própria constituição identitária do estado, infelizmente pouco conhecido no resto do Brasil. Ou seja: baseado no desafio de se adquirir maturidade científica na contramão dos processos de institucionalização do conhecimento em Comunicação no país, dos quais, semelhante à urbanização brasileira do século XX, acabou concentrando-se nas regiões Sudeste e Sul do país.

Colonização em Mato Grosso e suas dialéticas

Para início de conversa, vale observar que a palavra colonização, embora bastante citada nos livros didáticos de História do Brasil, ainda carrega dentro de si versões difusas. Sobre isso, convém recordar uma observação pontual de Ferreira Gullar, no prefácio do livro *Dialética da Colonização*, de Alfredo Bosi (1992: p.6), quando acentua que as palavras cultura, culto e colonização derivam do mesmo verbo latino “colo”, cujo particípio passado é cultus e o particípio futuro é culturus. Nesta mesma obra de Bosi, outro ponto merece uma atenta reflexão. E talvez, em minha opinião, seja o mais crucial. Trata-se de uma clara distinção acerca de colonização, no tocante à sua concepção: 1) enquanto satisfação das necessidades materiais do presente (colo: eu cultivo, eu trabalho), e 2) enquanto transplante de um passado prenhe de imagens, símbolos e ritos de caráter religioso (cultus: memória dos antepassados) (BOSI, 1992: p.171); na qual, no fundo, revela um complexo jogo de forças entre identidades hegemônicas e alteridades subalternas, na medida em que as práticas econômicas e todo arcabouço simbólico (linguagem, modo de vida e de se vestir) de uns sobressaem, predominam, em detrimento da submissão de outros.

Em Mato Grosso, segundo o historiador Rubens de Mendonça (1963), a ideia de colonização passa pela consideração inicial de que o estado já foi território espanhol durante o período de vigência do Tratado de Tordesilhas (1494-1777). Depois, tornou-se uma das maiores províncias do período colonial luso-católico-e-escravagista, cuja capital havia sido a pequena cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade (1752-1835), de população afrodescendente predominante e próxima à fronteira entre o Brasil e a Bolívia; até se tornar o epicentro de uma

desenfreada corrida por metais preciosos (ouro, diamantes), que resultou na migração de centenas e mais centenas de contingentes humanos, advindos de diversas regiões do Brasil e exterior. O auge das extrações auríferas na baixada cuiabana, em idos do século XVII, proporcionou, mais consequentemente, a criação de arraiais (pequenas comunidades) e vilas no território mato-grossense; enquanto, por outro lado, gerou também uma inevitável confluência de práticas e saberes nas relações sociais de exploração escrava, estabelecidas, direto e indiretamente, entre os imigrantes iniciais (colonos portugueses e bandeirantes paulistas) e as populações nativas da região – na época, então constituídas em sua maioria por indígenas dos grupos linguísticos: Tupi Guarani, Macro-Jê, Aruak e Caribe.

Do século XVII a XX, ou do período provincial ao de estado federado, constata-se, em certa medida, que a transmissão de informação predominante em Mato Grosso, bem como a ideia de memória social determinante, era mais oral do que realmente escrita, isto é, via boca a boca, prosa, canto, versejo. Assim como se sugere que esta transmissão oral perpetuar-se-ia enquanto meio inter-geracional mais eficiente, no que tange a transferência de valores morais e propriamente de conhecimento do mundo externo para o cotidiano local, de uma geração para outra, e considerando-se que, já em idos do século XVIII, a maioria da população brasileira e mato-grossense era analfabeta. O que, destarte, justificara o apreço histórico, se não inconsciente, do brasileiro em geral pela figura dos oradores como referencia intelectual, ao invés dos eruditos clássicos. E exemplos não faltam! Desde Rui Barbosa, Joaquim Nabuco ao poeta Castro Alves, reconhecido por suas declamações contundente em prol das causas sociais libertárias nas praças públicas de Salvador, do século XIX. Afinal, estes homens conseguiam ser porta-vozes do povo, visto que detinham a habilidade de traduzir mensagens, algumas oficiais e acadêmicas, em tom popular e adequado à linguagem falada nas ruas por uma população de baixa senão nula formação educacional. Mas também exerciam uma liderança na comunidade do qual participavam, da mesma maneira que os poetas de cordel, os menestrelis e os cantadores de feira, no Nordeste, e, alguns cantores de rasqueado, lambadão e tocadores de viola de cocho, no interior de Mato Grosso.

No que diz respeito ao potencial intelectual destes artistas populares mencionados no parágrafo anterior, o italiano Antônio Gramsci (1968: p.7) afirma que todo trabalho humano, mesmo no mais mecânico e degradado, “existe um mínimo de atividade intelectual”. Uma perspectiva de intelectualismo que, segundo a antropóloga Luitgard Oliveira (apud MELO; FERNANDES, 2013: p. 29), faz-se notar nos artistas populares sob a denominação de intelectuais orgânicos das baixas camadas sociais do campo, pois: “representam, são suas vozes, impregnam-se de suas concepções de mundo, organizam-nos na instância da superestrutura, conduzindo-os culturalmente através de sal prodigiosa intuição intelectual, nos caminhos de sua conscientização”.

A atualidade da teoria da folkcomunicação segundo a experiência em Alto Araguaia

Atualmente, Mato Grosso possui: taxa de urbanização em 81,80% (IBGE, 2014), aproximadamente 3.071 indústrias, além de 49 instituições de ensino superior (IES). Números que sugerem uma modernização insinuante, mas, de modo geral, tímida quando comparada aos estados da região Sul e Sudeste. Ao mesmo, tais indicativos dimensionam o lugar-comum da cultura popular tradicional da região e da folkcomunicação em Mato Grosso.

É importante frisar que esta modernização recente está relacionada, grosso modo, a uma diáspora, sentido capital federal e Sudeste do Brasil, ocorrida mais recentemente por volta das décadas de 1970 e 1980, e composta mais enfaticamente por jovens da classe média alta cuiabana. Esta, segundo um artigo que publiquei na revista internacional de Folkcomunicação (RIF), em co-autoria professor Yuji Gushiken (2010: p.8), surge pela necessidade de uma formação universitária e tecnológica, uma vez que o ensino superior ainda era incipiente no

estado. Mas, também, ao se considerar as levas de imigrantes recentes em Mato Grosso, logo se constata uma condição multicultural afirmativa, a partir do forjamento de uma modernização socioeconômica via cultura universitária.

Ao mesmo tempo, é preciso enfatizar a nossa vocação inicial em desenvolver pesquisa empírica, caracterizada pela imersão a campo, a lida direta com as fontes investigadas, o contato físico, o corpo a corpo, o enfrentamento, a checagem in loco. Só que no nosso caso com um forte viés etnográfico, ao ter por norteamento os trabalhos do russo Bronislaw Malinowski nas famosas ilhas Trobriand. Num texto intitulado *Os argonautas do pacífico Ocidental*, Malinowski aponta três procedimentos necessários para uma boa imersão na realidade social de uma dada comunidade.

Os princípios do método podem ser agrupados em três itens principais: em primeiro lugar, como é óbvio, o investigador deve guiar-se por objectivos verdadeiramente científicos, e conhecer as normas e critérios da etnografia moderna; em segundo lugar, deve providenciar boas condições para o seu trabalho, o que significa, em termos gerais, viver efectivamente entre os nativos, longe de outros homens brancos; finalmente, deve recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registando as suas provas. (MALINOWSKI, 1976: p.18)

Seguindo pontualmente estes critérios metódicos, começamos as primeiras incursões na realidade de Alto Araguaia e região no final de 2010, depois da participação na XI Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada na Universidade Estadual Santa Cruz (UESC), em Ilhéus na Bahia. E, passados seis anos, os resultados destas incursões etnográficas logo se fizeram notar em ensaios fotográficos em ambientes esquecidos e criminalizados no imaginário social local de Alto Araguaia, tais como: aterros sanitários, cemitério e galpões abandonados. Entre os projetos editoriais, merece destaque o da revista *Mixtura* (2014), a primeira em Mato Grosso voltada para gastronomia popular, dos quais obteve distribuição no estado e em diversos estados do Brasil; e o da revista *Nômades do Araguaia*, uma publicação customizada voltada para os viajantes da rodovia federal BR 364 (caminhoneiros, comerciantes ambulantes e estudantes universitários), cujo lançamento foi realizado durante o último Simpósio de Jornalismo, no mês de setembro de 2015, no campus local. Além disso, houve muita incursão com estudantes em bordeis, casas de jogos, rinhas de galo e centros de umbanda, além de bocas-de-fumo e shows de forró; bem como monografias sobre a sociabilidade e a comunicação popular de feirantes, bem como da subjetividade nas redes sociais de garis, mototaxistas e vendedor ambulante.

Em dados quantitativos, a produção bibliográfica em folkcomunicação do campus universitário de Alto Araguaia abrangeu: 02 Conferências nacionais da Folkcomunicação (Ilhéus-BA, 2010 e Cuiabá-MT, 2015), 01 evento da Associação Latinoamericana de Investigadores (ALAIIC) (Montevideo, Uruguai, 2012), 02 eventos do IBERCOM (Santa Cruz de La Sierra, Bolívia, 2011 e Santiago de Compostela, Espanha, 2013), 02 Congressos do Intercom Nacional (Fortaleza-CE, 2012 e Rio de Janeiro-2015). E publicações nos periódicos da Revista Internacional em Folkcomunicação (RIF), vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, com 4 artigos, e da revista *Comunicação, Cultura e Sociedade* (RCCS), vinculado ao curso de Jornalismo de Alto Araguaia, com 01 artigo. Em todos os casos, havia uma preocupação em tensionar as problemáticas locais de se viver numa cidade atravessada constantemente por fluxos culturais de diversas partes, com a emergência de um pensamento acadêmico capaz de dar respostas competitivas não somente às demandas incipientes do mercado midiático local, ainda semiprofissionalizado e composto por uma TV afilada da Record (TV Araguaia) e duas rádios (rádio Aurora e Cidade), mas a fim de dotar de saberes críticos da mídia a população de baixa renda e pouca instruída, em sua maioria residente nos bairros afastados como a Vila Aeroporto e o Jardim Novo Araguaia.

Ao lado do balanço qualitativo destes números de difusão científica, foi-se constatado que a maioria dos entrevistados e atores locais estudados nas pesquisas do campus participava, para mais para menos, da vida política da comunidade, exercendo a função de ativista midiático, que, segundo definição do professor Osvaldo Trigueiro (apud MELO, FERNANDES, 2013, p.852) é aquele que goza de prestígio social e usa desta condição na promoção de intercâmbios culturais e interferindo mais diretamente na mediação de conteúdos “das redes midiáticas para redes de comunicação interpessoais que operam nas práticas da vida cotidiana”. Enquanto, por outro lado, esta maioria prova, por A mais B, a possibilidade de se desenvolver pesquisa empírica, e de viés etnográfico, para além do modelo funcionalista estadunidense de estudos em Comunicação e do conceito de cultura da escola crítica frankfurtiana.

Algumas considerações parciais

Longe de esgotar o debate, podemos encerrar por agora este texto dizendo que a dialética da colonização em Mato Grosso, como foi notado ao longo das discussões traçadas, manifesta-se enquanto sinônima de um projeto de modernização cultural ainda excludente, conservadora ibérica-cristã, ao passo de se (re)apresentar, nas condições atuais, como resposta potente para as contradições existentes em relação à urbanização, acesso às políticas públicas, e, sobretudo, à percepção das culturas populares tradicionais pelos jovens da classe média do estado, então cada vez mais identificados com as versões de prosperidade socioeconômica vindas de mundo afora.

Por outro lado, convém relacionar as diretrizes iniciais do projeto pedagógico do curso de Jornalismo de Alto Araguaia (MEC, 2005) com o que consideramos basilar na trajetória científica da teoria da Folkcomunicación na pequena cidade (17 mil habitantes, IBGE-2014): a sua virtualidade comunicacional para além da retórica cosmopolita de formação profissional das faculdades das regiões Sudeste e Sul do país, caracterizada pela vinculação da atividade jornalística aos grandes centros urbanos, isto é, uma percepção hegemônica de processo noticioso.

Isto porque me parece pertinente, a título de perspectivas de trabalho, expor, por mais que seja uma concepção ainda embrionária, a expressão “Pensamento Folkcomunicacional Unematiano”, a fim de sintetizar o rol de práticas emergentes de pesquisa em Comunicação Popular e, principalmente, Folkcomunicación, que foram e são desenvolvidas no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, um dos poucos cursos situados em áreas semirrurais no Brasil. Ao qual demanda um desejo prodigioso de se institucionalizar uma neovisão de pensamento folkcomunicacional, cuja singularidade se delineia em relação: 1) às particularidades culturais do interior e sudeste mato-grossense, além da 2) própria visão de formação acadêmica da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat – conhecida regionalmente por suas políticas de interiorização do ensino via criação de campi.

Bibliografia

- Beltrão, L. (2001) Folkcomunicación: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS,
- Bosi, A. (1992) Dialética da colonização. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Coelho, F. N. (1976) Memórias cronológicas da capitania de Mato Grosso. 1. ed. Cuiabá: editora UFMT.
- Gramsci, A. (1968) Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Gushiken, y.; Silva, I. A. Da. . (2010) Folkcomunicación nas relações políticas e sociais na contemporaneidade. Revista Internacional de Folkcomunicación, v. 01, p. 1-19.



- Madureira, E. (1997) Revivendo Mato Grosso. Secretaria de Educação de Mato Grosso.
- Malinowski, B. (1976) Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia. São Paulo: Abril Cultural.
- Melo, J. M. de; FERNANDES, G. M. (Orgs.). (2013) Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural.
- Mendonça, R. de. (1963) História do Jornalismo em Mato Grosso. 2. ed. Cuiabá.
- Silva, L. da. (2013) Folkcomunicação e um balanço parcial dos seus estudos no campus universitário de Alto Araguaia. In: SARDINHA, A. C.; Silva, M. B. da; MORALIS, E. G. M. (Orgs). Comunicação e regionalidades. Cáceres: UNEMAT Editora.
- Trigueiro, O. M. (2007) Folkcomunicação e ativismo midiático. João Pessoa: UFPB.

Biografia

Professor Assistente do curso de Jornalismo, da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat. Editor Geral e conselheiro científico da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS: <http://periodicos.unemat.br/index.php/ccs>), vinculada ao grupo de pesquisa de mesmo nome e ao Centro de Pesquisa de Alto Araguaia – CEPAlA. Secretário da Subseção do Sindicato dos Servidores docentes da Unemat (ADUNEMAT). Responsável pelo projeto Formação Profissional em Jornalismo em Mato Grosso (FPJMT), além de pesquisador da Rede Folkcom. Trabalha nas linhas Folkcomunicação e Cultura brasileira, Estudos Culturais latinoamericanos, Geografia da comunicação e Planejamento Gráfico.